

ANTROPOLOGIA

**FACULDADE MALTA**  
Bacharel em Teologia

Prof. Dr. José Calixto

Teresina - PI

**Sobre o autor:**

**José Calixto**

### **FORMAÇÃO ACADÊMICA**

Doutorado na área de teologia aplicada pelo UNASP, EC (2008), com tema: “A vida devocional sob o impacto da mídia contemporânea. Mestrado em Ciência da religião na Faculdade Unida de Vitória - ES (2019), sobre o “Dualismo face a integralidade na relação corpo-alma” e um mestrado em teologia pastoral no UNASP-EC (2002). Concluiu uma pós-graduação em Filosofia da Religião na UGF-RJ (2011), tratando de “A natureza humana de Cristo no contexto pré e pós lapsariano”.

Atuou como professor de teologia, nas áreas aplicada, bíblica e histórica.

É autor dos seguintes livros: O Cuidado de Deus - história e profecia, Como Entender Jesus Cedo Vem, Lições Doutrinárias, Como Obter Esperança nas Tormentas, a Natureza de Cristo, Verdades Esclarecidas e Ministério pastoral: Raízes bíblicas, desafios e aplicações.

## **APRESENTAÇÃO**

Este material pedagógico faz parte dos requisitos essenciais para o curso de Teologia da Faculdade Malta-FACMA. Visto que todas as tentativas para definir o ser humano, ao longo da história, formaram parte de um pensar antropológico, torna-se relevante para a formação do teólogo, compreender de maneira abrangente e comparativa definições, classificações, raízes e principais conceitos da disciplina de Antropologia.

Para o alcance desse estudo, serão ressaltados os passos metodológicos, como o levantamento de dados bibliográficos e o desenvolvimento teórico acerca da antropologia dualista e monista. Os temas serão divididos em quatro unidades.

Na unidade 1, “DUALISMO CORPO-ALMA PRESENTE EM SISTEMAS IDEOLÓGICOS”, o aluno vai estudar definições, classificações, raízes e conceito da antropologia dualista, referente a corpo-alma.

Unidade 2: “ANTROPOLOGIA DO CORPO NO CONTEXTO DE DAVID LE BRETON. O aluno vai analisar a antropologia na perspectiva do antropólogo francês, que trata a realidade anatômica e o metabolismo do corpo com estações que surgem e passam. Também trata de contribuições da antropologia e da sociologia para o imaginário do corpo.

Na unidade 3, “O MONISMO CORPO-ALMA PRESENTE EM SISTEMAS IDEOLÓGICOS”, o aluno estudará definições, classificações, raízes e conceito da antropologia monista, referente a corpo-alma, na qual o ser humano possui vários componentes interligados - uma dimensão depende da outra para haver vida -, num complexo amplamente diversificado.

Esta unidade analisa o monismo corpo-alma, presente em sistemas educacionais e religiosos. Busca mostrar que, embora o ser humano seja formado de vários componentes – corpo, alma, espírito, força, entendimento, eles são interligados num complexo amplamente diversificado, onde uma dimensão depende da outra para que haja vida. Nesta unidade, o corpo é visto como um templo sagrado que deve ser protegido e amado.

Na unidade 4, **PRESSUPOSTOS BÍBLICOS MONISTAS NA RELAÇÃO CORPO-ALMA**, o aluno vai estudar expressões antropológicas do monismo bíblico na relação corpo-alma, com diferentes raízes.

Esta disciplina não pretende esgotar o vasto alcance da Antropologia, mas levantar discussões que podem ser aprofundadas individualmente, por cada aluno.

Portanto, incentivo o aprofundamento sobre a temática. Pesquisar é como voar, pois, permite alcançar alturas inimagináveis. Bom voo!

Prof: José Calixto

## Sumário

UNIDADE 1 – “DUALISMO CORPO-ALMA PRESENTE EM SISTEMAS IDEOLÓGICOS” ...	6
<b>Objetivos:</b> .....	6
• <b>Apresentar definições e classificações da antropologia;</b> .....	6
• <b>Analisar raízes da antropologia;</b> .....	6
• <b>Analisar conceito antropológico dualista, como pressuposto exegetico, para a interpretação do texto sagrado.</b> .....	6
UNIDADE 2 – ANTROPOLOGIA DO CORPO NO CONTEXTO DE DAVID LE BRETON.....	19
<b>Objetivos</b> .....	19
• <b>Compreender contribuições da antropologia, para o imaginário do corpo, na perspectiva de David Le Breton.</b> .....	19
• <b>Estudar o corpo como realidade anatômica.</b> .....	19
• <b>Descrever mutações do corpo.</b> .....	19
UNIDADE 3 – O MONISMO CORPO-ALMA PRESENTE EM SISTEMAS IDEOLÓGICOS ..	29
Objetivos:.....	29
• <b>Analisar a antropologia numa perspectiva integral ou monista.</b> .....	29
• <b>Descrever o monismo corpo-alma e suas possibilidades.</b> .....	29
• <b>Apresentar uma compreensão bíblica do monismo.</b> .....	29
UNIDADE 4 – PRESSUPOSTOS MONISTAS BÍBLICOS NA RELAÇÃO CORPO- ALMA...37	
Objetivos.....	37
• <b>Destacar o conceito monista semita da expressão o espírito volta para Deus...</b> 37	
• <b>Analisar o entendimento monista semita dos termos estar comigo no paraíso.</b> 37	
• <b>Descobrir um olhar monista semita na Parábola do Rico e Lázaro.</b> .....	37

## **UNIDADE 1 – “DUALISMO CORPO-ALMA PRESENTE EM SISTEMAS IDEOLÓGICOS”.**

### **Objetivos:**

**Apresentar definições e classificações da antropologia;**

**Analisar raízes da antropologia;**

**Analisar conceito antropológico dualista, como pressuposto exegético, para a interpretação do texto sagrado.**

### **Definição Etimológica**

A palavra antropologia possui origem grega e significa: Anthropos= homem ou ser humano. Logos= estudo. Um estudo que propõe conhecer cientificamente o ser humano em sua totalidade; a ciência do homem e a cultura humana.

### **Definição acadêmica**

A Antropologia é a ciência que estuda o homem em sociedade, as culturas, os comportamentos e costumes sociais; enfim, a principal característica da Antropologia é o interesse pela diversidade de modos de viver da humanidade.

Sendo a ciência da humanidade e da cultura, a antropologia tem um campo extremamente vasto de investigação: abrange, no espaço, toda a terra habitada; no tempo, pelo menos dois milhões de anos (viés evolucionista), e todas as populações organizadas. Divide-se em, pelo menos, duas grandes áreas de estudo, com objetivos definidos e interesses teóricos próprios: Antropologia Física ou Biológica e Cultural. Neste estudo teológico trataremos da antropologia com relação a corpo-alma, na visão dualista e monista.

### **Classificações da antropologia**

A antropologia possui duas divisões principais: física e Cultural. Os antropólogos físicos estudam as características físicas dos humanos; os antropólogos culturais examinam as culturas humanas.

### **Antropologia presente em várias ciências**

1) Psicológica: Estuda a mente humana;

- 2) Sociológica: Investiga política pública, como grupos culturais e sociais;
- 3) Biológica: Estuda o ser humano através das mutações genéticas.

### **Escolas da Antropologia**

1. **Evolucionista**: Escola do século XIX responsável pela sistematização do conhecimento acerca dos “povos primitivos”.

2. **Escola Antropológica Francesa**: surgiu no final do século XIX e focou seus estudos nas representações coletivas e na metodologia científica.

3. **Funcionalismo**: Surge no início do Século XX e estabelece um modelo de etnografia com seus trabalhos de trabalho de campo.

4. **Culturalismos Norte-Americano**: Surge na década de 1930 e estabeleceu o método comparativo e a formação de padrões culturais, a partir dos quais é possível apreender as leis no desenvolvimento das culturas.

5. **Estruturalismo**: Floresceu nos anos de 1940, ao buscar as regras estruturantes das culturas presentes na mente humana.

6. **Antropologia Interpretativa**: Surge nos anos 60 e estabelece a cultura como uma hierarquia de significados, a partir da leitura que os “nativos” fazem de sua própria cultura.

7. **Antropologia Pós-Moderna ou crítica**: Antropologia Pós-Moderna ou Crítica surge nos anos de 1980 e está preocupada com a reinterpretação textual das etnografias clássicas e contemporâneas.

### **Raízes antigas da antropologia**

- Heródoto (485-325 a.C.) viajava pelo mundo contando história e estudando outras culturas.
- Considerado o pai da história.
- Escreveu sobre geografia e história, em prosa.
- Reconhecido não apenas como pioneiro na história, mas também na geografia, etnografia e antropologia.
- Na Idade Média, andarilhos andavam conhecendo outras culturas.
- O estudo de várias culturas se tornou uma ciência.
- A antropologia não nasceu nos países europeus, mas a teologia, o direito e o comércio.

- O comércio e crenças religiosas eram meios de opressão e fundação de outros povos.
- No século 19, a antropologia se torna ciência.
- O iluminismo ajudou definir as ciências sociológicas.
- A Arqueologia é o ramo biológico da antropologia que estuda o ser humano através de fósseis ou espécie.
- Está ligado a evolução: Se apegar ao darwinismo social e aplica as ciências humanas, acreditando que sociedade evolui.

### **Raízes do alegorismo no mundo grego**

A maioria dos tratados filosóficos iniciam sua apresentação a partir do sexto século a.C. com os gregos, que são mencionados como os primeiros filósofos da humanidade; no entanto, o contexto da herança grega nos sistemas educacionais, reporta às obras de *Homero e Hesíodo* (cerca de 900 a. C). RAMM (s/d) descreveu que “o texto sagrado dos gregos era escrito a partir destes dois poetas”. Questioná-los ou duvidar deles seria um ato irreligioso e ateístico, mesmo que essa tradição estivesse saturada de elementos fantasiosos, grotescos, absurdos, e até mesmo imorais.

a) **Tradição filosófica de Homero** (900 a.C.): Tradição saturada de elementos fantasiosos, grotescos, absurdos ou imorais. Questioná-la ou duvidar era um ato irreligioso e ateístico.

b) **Tradição filosófica de Tales de Mileto** (624-558 a.C.):

Filósofos que surgiram mais tarde, como Tales de Mileto (624 a. C.- 558 a. C.), Heródoto e Tucídides, desenvolveram uma artilosa e perspicaz tradição filosófica e histórica com princípios de lógica, criticismo, ética, religião e ciência, formando assim, um contraste com a compreensão anterior de Homero. Sendo assim, as tradições histórica e filosófica de Tales de Mileto, não podiam aceitar muita coisa da tradição religiosa como estava nos documentos escritos dos gregos.

c) **Tensão entre duas tradições:** O conflito foi aliviado mediante a alegorização da herança religiosa, o que indicava que as histórias antropológicas dos deuses e os escritos dos poetas não deviam ser tomados literalmente.

Nessa perspectiva, RAMM (1970) comenta que os gregos não estavam preocupados com as Sagradas Escrituras, mas com seus próprios escritos e, nesse sentido, é impróprio classificá-los dentro do contexto da interpretação bíblica. Mas seu

método alegórico foi adotado por judeus e cristãos. A partir dessa solução, o alegorismo grego se expandiu e foi levado para a cidade de Alexandria, no Egito, onde havia uma grande população judaica que enfrentava um problema semelhante aos de seus conluídos gregos. Era uma tensão entre a própria Sagrada Escritura nacional e a tradição filosófica grega. Como poderia o judeu apegar-se a ambas? A solução foi idêntica a dos gregos para o seu problema, pois não tiveram que inventar um método alegórico por si mesmos.

d) **Expansão alegórica grega:** No ambiente grego surgiram os mais influentes filósofos, detectores do saber, que o mundo já conheceu e entre eles, se desponta Platão. Ele formulou a teoria dos dois mundos. Afirmava que além deste mundo sensível e passageiro havia outro de realidades invisíveis e permanentes.

BARCLAY (s/d) comenta que, segundo a teoria platônica, o corpo é a fonte de toda a fraqueza em oposição a alma, que é capaz de independência e bondade. Há uma separação entre corpo e alma, sendo o homem um misto, e não uma unidade desses dois aspectos. Nesta interpretação, o corpo está sujeito aos males da condição humana, devendo obedecer à alma e servi-la. Enquanto isso, a alma é inteligível, estável e imortal, que por ocasião da morte é liberada da prisão corporal onde está sepultada por um tempo.

Nesse conceito, o ser humano tem uma centelha divina dentro de si, que jamais se apaga, pois ela dá acesso ao Ser superior. Nessa filosofia, o morrer com o corpo significa vida, pois na morte a alma liberta-se dessa tumba, que é o corpo. STÖRIG (s/d) ressalta que para Platão, a morte não traz danos a alma, mas somente lhe traz benefícios, pois proporciona vida a alma. Assim, a alma humana tem a capacidade de conhecer as coisas eternas e absolutas, porque é dotada de afinidade com as coisas incorruptíveis.

Em seu pressuposto, o homem é visto como um misto, e não uma unidade dos dois aspectos; ou seja, o corpo está sujeito aos males da condição humana, devendo obedecer à alma e servi-la, enquanto a alma é inteligível, estável e imortal, que por ocasião da morte é liberada da prisão corporal onde está sepultada por um tempo.

A morte não foi vista como o fim, mas o começo de uma nova existência em outro mundo. Dizia que, para o cristão, significa estar na presença do Senhor; enquanto para o incrédulo, significa estar longe da presença de Deus e em meio ao tormento.

## **Raiz judaica e cristã**

Apesar de os rabis da Palestina, especialmente aqueles que viviam em cidades que eram centros da vida intelectual, como Alexandria, terem resistido ativamente às influências filosóficas e culturais do mundo helenístico, eles foram afetados por meio de seus livros sagrados. Em consequência disso, o mundo religioso e acadêmico ocidental incorporou as pressuposições gregas como sendo verdades absolutas, diferente do modelo literal de interpretação da Bíblia.

A partir dos primeiros séculos da era cristã, os pais da igreja, em lugar de adotar um princípio científico de exegese, introduziram a filosofia dualista, sob forma de tradição, como norma de interpretação do texto sagrado.

O movimento alegórico dualista tornou-se associado às grandes consolidações dogmáticas do segundo e terceiro século d. C., que levaram ao absolutismo eclesiástico. Por muito tempo, a educação e a religião foram historiadas a partir dos gregos, com quase nenhuma referência aos povos orientais que os antecederam, embora Jesus Cristo e os apóstolos estivessem convictos de que o AT era um documento cristão, com um significado histórico-literal.

## **Raiz na patrística**

Segundo URGER (s/d), “a maldição do método alegórico se dá, por ser arbitrário e não científico, por reduzir o verdadeiro significado da Bíblia a enigmas obscuros, por solapar a autoridade da interpretação e por não satisfazer as necessidades apologéticas da época”.

Mesmo que os autores bíblicos, contrariando Homero, Platão e outros, aceitassem o modelo literal de interpretação da Bíblia, houve escritores judeus e pais da igreja que seguiram o método alegórico. Platão, apesar de ter confrontado radicalmente os mitos grotescos de Homero, se enveredou para pressupostos dualistas, que descreve o corpo como imprestável e mau e a alma, sendo eterna e imortal, que se liberta do corpo por ocasião da morte. Esse modelo dualista atravessou fronteiras culturais, sociais e religiosas e se infiltrou em diferentes camadas religiosas.

A influência da escola alegórica foi inserida no cristianismo e dominou largamente a exegese, até a reforma protestante do século 16, com as devidas

exceções, como foi a Escola Síria de Antioquia e os Vitorinos da Idade Média.

a) **Fílon, filósofo grego de Alexandria** (20 a.C. – 50 d.C.): Para ele, as Escrituras Sagradas, especialmente a Septuaginta, eram superiores a toda filosofia grega, mesmo que tivesse grande predileção por seus filósofos, especialmente por Platão e Pitágoras.

Fundamentado em pressupostos platônico, Fílon, ao ler textos bíblicos como Êxodo 25:8, “E Me farão um santuário, para que Eu possa habitar no meio deles”, dizia que, como Deus não pode habitar em santuário na Terra, a expressão é uma metáfora ou alegórica. Em consequência disso, ele alegorizou grande parte das Escrituras, o que exerceu forte influência na teologia dos pais da igreja.

b) **Clemente de Alexandria** (150-220 d.C.): Construiu a Bíblia filosoficamente e inclinou-se rumo à especulação. Para ele, a filosofia grega foi o estágio preparatório da fé cristã. Assim, encontrou cinco significados possíveis para uma passagem das Escrituras: a) o sentido histórico; b) o sentido doutrinário; c) o sentido profético; d) o sentido filosófico e; e) o sentido místico. Contudo, além de Clemente, outros pais da igreja também incorporaram o alegorismo no sistema de crenças.

c) **Orígenes** (185-254 d.C.): Foi discípulo de Clemente e o principal expoente da interpretação mística (alegórica) das Escrituras. Orígenes foi induzido a dar instrução informal na fé cristã. Ele atacou e refutou com brilhantismo os inimigos da fé cristã, mas misturou inúmeros erros na religião, particularmente a teologia alegórica e metafísica do paganismo.

Em lugar de elevar as mentes pagãs à altura das normas cristãs, arrastou as verdades cristãs para o nível da filosofia pagã, contribuindo, assim, para a corrupção da fé da igreja.

Adotando o método alegórico de Platão, afirmava que há um significado tríplice nas Escrituras – o literal, o moral, e o místico – sendo que o literal deve ser espiritualizado, pois nas Escrituras o literal é um sinal dos mistérios e imagens das coisas divinas.

Orígenes não nega que a profecia tenha sido escrita, que os eventos históricos tenham ocorrido, nem que a Bíblia ensine temas como a ressurreição, o milênio, e o segundo advento pessoal de Cristo, se considerado no sentido literal. Porém, o literal deve dar lugar ao espiritual, e a história deve ser tomada simbolicamente. Exemplo: “Jesus é a palavra de Deus que entra na alma que é chamada Jerusalém”.

Suas teorias foram sendo incorporadas nos sistemas de crenças do cristianismo e ganhou mais adesão em outros pais da igreja.

**d) Agostinho** (354-430 d.C.): Tido como o mais ilustre dos pais latinos, se tornou professor de retórica em Roma e Milão. Ele criou uma nova filosofia da história e concentrou o poder polêmico do catolicismo, de sua época, contra a heresia e o Cisma. Foi talvez, o primeiro a defender a causa da perseguição e da intolerância, fazendo mau uso da expressão “[...] obriga a todos a entrar” (Lc 14:23). Sua intolerância resultou de uma visão distorcida da interpretação das Escrituras. Ele lançou densa sombra sobre a igreja e fez com que o alegorismo e dualismo se tornassem vitoriosos.

OLSON (1947) pontuou que “por Clemente, Orígenes e Agostinho a teoria de que a punição do inferno é purgativa e purificatória foi inserida no cristianismo

Sendo assim, o alegorismo grego que havia se tornado o modelo interpretativo das Escrituras, através de Fílon e de Agostinho e outros, foi encorpado em Tomás de Aquino (1225-1274). Esse teólogo, do alvorecer da Idade Média, considerou suas pressuposições num universo filosófico grego.

Através de Aquino, o mundo religioso e acadêmico ocidental prosseguiu com as bandeiras das interpretações gregas e das tradições da igreja romana, como sendo verdades absolutas. Segundo Butts (1955), “pensamos o que pensamos porque os gregos pensaram o que pensaram”.

A despeito da Escola catequética de Alexandria, seguida de suas sucessoras, que pendia para um exacerbado alegorismo e dualismo grego, há outra escola que também contribuiu, positivamente, para manter a antropologia monista e a literalidade na interpretação das Escrituras hebraicas.

### **Raízes na escola literal do cristianismo**

Foi uma grande escola no estudo da exegese bíblica e da teologia hebraica durante muitos séculos. Ela ficou conhecida por esse nome porque os seus principais defensores moravam em Antioquia, uma das maiores cidades do antigo Império Romano. Foi fundada no início do quarto século d.C., por dois presbíteros, Doroteu e Luciano, e se tornou a primeira escola protestante de hermenêutica.

Sua comunicação cristã, influenciada pela comunidade judaica, resultou numa teoria hermenêutica que evitou o letrismo judaico e o alegorismo alexandrino.

Desde seu começo, na era patrística, ela influenciou São Jerônimo na tradução da versão bíblica da Vulgata latina, lutou contra os conceitos de Orígenes, o restaurador do método alegórico, manteve a primazia da interpretação literal histórica, exerceu influência na exegese medieval e favoreceu a hermenêutica dos reformadores.

## **Os reformadores**

A tradição da Escola de Antioquia da Síria, refletida entre os vitorinos, se tornou a teoria hermenêutica essencial dos reformadores, pois preparou o caminho para uma reforma literal da hermenêutica.

Martinho Lutero, na Reforma protestante, opondo-se ao modelo católico de compreensão da Bíblia, se tornou o principal catalizador da escola literal e construiu alguns princípios de interpretação da Escrituras.

O princípio literal mostrava que os escolásticos haviam desenvolvido sua interpretação em duas divisões principais, a literal e a espiritual. A espiritual, por sua vez, havia sido dividida em três partes (alegórica, analógica e tropológica). Lutero sustentava firmemente a interpretação literal das Escrituras, mas o sentido literal corresponde a toda essência da fé e da teologia cristã.

Seguindo a linha do tempo, no auge do iluminismo, fim do século XVIII, época em que se enfatizava o racionalismo (a razão) em oposição à fé contaminada pela tradição da igreja romana, a qual não oferecia resposta aos anseios do povo, eclodiram no mundo ocidental vários eventos políticos, econômicos, sociais e religiosos.

Entre os fatos que ganharam notável destaque, estão a revolução americana (1776), a revolução francesa (1789-1799), o aprisionamento do papa Pio VI (1798), além das grandes mutações filosóficas e teológicas entre líderes protestantes, com ênfase nas profecias de Daniele Apocalipse, que se relacionavam à volta de Cristo para a Terra.

No contexto daquele explosivo despertar religioso, surgiram muitos teólogos com propostas monistas que priorizaram a literalidade do texto bíblico.

A teóloga JÔ ANN (2008) descreve que “as pressuposições da escola alegórica, que contaminara a autêntica compreensão do texto bíblico, passaram a ser reinterpretadas, com o entendimento da escola literal, enfatizando o modelo hebraico/bíblico”.

Na unidade três será exposto o modelo monista que trata da integralidade do corpo. A seguir, vamos pontuar, mais especificamente o viés antropológico da dualidade platônica.

### **Raízes antropológico-dualista**

O conceito antropológico defendido por Platão e ramificado no judaísmo encontrou vertentes no cristianismo, por meio de escritores que asseguravam a existência de uma alma imortal. Destacavam a oração pelos mortos, negavam a crença na ressurreição, tinham a alma como boa e eterna e o corpo como material, temporário e mau.

O escrito de *Judite*, capítulo 16:17 (150-125 a.C): “Ai das nações que se levantam contra a minha raça; o Senhor todo-poderoso tomará vingança dele no dia do juízo para pôr fogo e verme sobre sua carne; e eles chorarão e sentirão dor para sempre”. 4º *Macabeus* 13:15, relata: “O perigo do tormento eterno está reservado àqueles que transgridem os mandamentos de Deus”.

O livro apócrifo, *Sabedoria* 3:1-4 (100 a 50 a.C.), descreve: Mas as almas dos justos estão na mão de Deus, e não os tocará o tormento da morte. Pareceu aos olhos dos insensatos que morriam; e a sua saída deste mundo foi considerada como uma aflição, e a sua separação de nós como um extermínio; mas eles estão em paz. E, se sofreram tormentos diante dos homens, tem plena esperança na imortalidade”.

*Enciclopédia Católica* ressalta: “Em 246 e 247 d.C., dois concílios foram realizados em Bostra, na Arábia, contra Beryllus, bispo da Sé, e outros que mantinham que a alma pereceria e ressuscitava novamente com o corpo. Nesses sínodos, Orígenes estava presente e convenceu estes hereges de seus erros”.

Atanásio de Alexandria (296-373 d.C.), comentou que “enquanto o corpo é por natureza mortal, segue-se que a alma é imortal, porque não é como o corpo”. Santo Agostinho (354-430 d.C) afirmou que “a alma de sua própria natureza, sendo criada imortal, não pode ficar sem algum tipo de vida, a sua extrema morte é a alienação da vida de Deus em uma eternidade de castigo”.

Segundo PENÃ (1971), o quinto Concílio de Latrão (1513), condenou a “todos os que afirmam que a alma intelectual é mortal ou única em todos os homens”. Esse concílio sancionou que a alma é imortal e multiplicável individualmente nos corpos em que se infunde.

## Raízes do dualismo “corpo-alma” nas religiões

A aceitação e expansão da antropologia dualista grega prosperou em muitos sistemas e instituições ideológicas.

**1) Budismo:** O Budismo ensina o renascimento ou reencarnação, afirmando que após a morte, o espírito volta em outros corpos, subindo ou descendo na escala dos seres vivos, podendo ser homens ou animais, de acordo com a sua própria conduta. O ciclo de mortes e renascimentos permanece até que o espírito se liberta do *carma*, ações que deixam marcas e que estabelece uma lei de causas e efeitos.

O livro *Tibetano da Morte* comenta que existem 49 dias, após a morte até a próxima reencarnação, e os monges oram para que as pessoas atinjam a Terra pura, lugar de paz, tranquilidade e sabedoria iluminada, onde renascem em níveis superiores.

**2) Hinduísmo:** A visão hindu de vida após a morte, também é centrada na ideia de reencarnação. Para eles, a alma se liga a este mundo por meio de pensamentos, palavras e atitudes. Quando o corpo morre ocorre a transmigração, e a alma passa para o corpo de outra pessoa ou para um animal, a depender das suas ações, pois, segundo a lei do *Carma*, toda ação corresponde uma reação.

**3) Islamismo:** Mesmo não absorvendo todas as nuances do dualismo platônico, há semelhança quanto a existência do inferno. Segundo esse modelo, Alá criou o mundo e trará de volta a vida todos os mortos no último dia. As pessoas serão julgadas e uma nova vida começará depois da avaliação divina. Esta vida seria então uma preparação para outra existência no céu ou no inferno. Ao morrer, a alma fica aguardando o dia da ressurreição, ou seja, o juízo final, para ser julgada pelo criador. O inferno está reservado para as almas desobedientes, que foram desviadas por Satanás.

**4) Espiritismo:** Para a interpretação espírita “a reencarnação é o retorno do espírito ao corpo material após a morte”. Esse paradigma espiritualista aponta uma imortalidade cada vez mais feliz. Allan Kardec escreveu: “Há os seres aos quais nós chamamos espíritos; eles nos rodeiam todo o tempo e exercem sobre os homens, a despeito deles mesmos, uma grande influência”.

**5) Candomblé:** Para este sistema, não existe uma concepção de céu ou inferno, nem de punição eterna. As almas que estão na terra devem apenas cumprir

o seu destino, caso contrário vagarão entre Céu e Terra até se realizar plenamente como um ser consciente e eterno.

6) **Umbanda**: A Umbanda sofre influências de crenças cristãs, espíritas e de cultos afros e orientais. Entre os defensores deste ensinamento, não existe uma unidade ou um livro sagrado. Alguns admitem a existência do céu e inferno dos cristãos, enquanto outros falam apenas em reencarnação.

7) **Catolicismo**: Para essa corrente ideológica, há a crença de um Céu, de um Inferno e de um Purgatório, e a alma é tida como eterna, única e não retorna em outros corpos ou em animais. Acreditam na imortalidade, na ressurreição, mas não na reencarnação da alma. Ao morrer, o homem católico é julgado pelos seus atos em vida.

8) **Protestantismo**: Em sua quase totalidade, acreditam no julgamento, na condenação (céu ou inferno) e na eternidade da alma. O aspecto divergente, no entanto, consiste em que o morto faz uma grande viagem e a ressurreição só acontecerá quando Jesus voltar à Terra, na chamada ressurreição dos justos, ou, então, aqueles que forem condenados terão uma nova chance de ressurreição no julgamento final.

O parecer dualístico grego, defendido por Filon, Orígenes, Agostinho e outros, produziu muitos questionamentos no cristianismo, como o filósofo renascentista, Voltaire (1694-1778), destacou: “Que importam em questões inacessíveis à razão, essas novelas criadas por nossas incertas imaginações? Que importa que os pais da Igreja dos quatro primeiros séculos acreditassem que a alma era corporal? Que importa que Tertuliano, contradizendo-se, decidisse que a alma é corporal, figurada e simples ao mesmo tempo? Teremos mil testemunhos de nossa ignorância, porém nem um só oferece vislumbre da verdade”.

Há espaço na antropologia para debater indagações e diferenças antagônicas, como essa referida por Voltaire? Nas unidades três e quatro, serão levantados pressupostos monistas que apontam uma maneira diferente de compreender o mesmo tema, cujas raízes também excedem os tempos milenares.

## CONTEÚDO COMPLEMENTAR

RAMM, Bernard. *Protestant Biblical Interpretation*. Disponível em: <<https://www.amazon.com/Protestant-Biblical-Interpretation-Textbook-Hermeneutics/dp/0801020832>>.

JÚNIOR, Fernando Hilário de Souza. *A concepção dualista de homem no pensamento platônico*.

Disponível em: <<http://famariana.edu.br/blog/2017/10/20/a-concepcao-dualista-de-homem-no-pensamento-platonico/>>.

DA MATTA, Roberto:

<<https://br.video.search.yahoo.com/search/video?fr=mcafee&p=DA+MATTA%2C+Roberto.+1983.+Relativizando%3A+Uma+Introdu%C3%A7%C3%A3o+%C3%A0+Antropologia+pdf&type=E210BR105G0#id=2&vid=dede311b2d5c7cf3319b129fee53f19e&action=view>>.

### **Considerações finais**

A UNIDADE 1 teve como objetivo principal apresentar uma visão geral da antropologia em relação ao dualismo corpo-alma. Ressaltou que o mundo acadêmico e religioso ocidental incorporou, como verdade absoluta, o dualístico historiado a partir dos gregos, com quase nenhuma referência aos povos orientais que os antecederam. O estudo mostrou que há grandes consolidações dogmáticas sobre a cosmovisão dualista grega, que levaram ao absolutismo eclesiástico em diferentes épocas e culturas.

### **HORA DE REVER**

Aqui foram apresentadas definições etimológicas e acadêmicas da antropologia. Foram destacadas suas classificações e expansão, em forma de alegorismo e dualismo grego, para o mundo ocidental, em diferentes épocas e culturas. Observou-se que a antropologia está presente em várias ciências, como psicologia, sociologia, biologia.

O tema mostrou que a antropologia possui raízes, referente a corpo-alma, nos períodos grego, judaico, patrística e idade Média, e se instalou como saber entre relevantes instituições religiosas. A antropologia, devido ao seu vasto campo de pesquisa, apresenta-se em diferentes formatos de estudo que possibilitam a análise do seu objeto, que é conhecer o corpo humano na sua integralidade.

## REFERENCIAS

ARAÚJO, Hugo Filgueiras de. **A Dualidade corpo e alma, no Fédon de Platão**, João Pessoa, PB: Universidade Federal da Paraíba, 2009.

BOETTNER, Loraine. **La Inmortalidad**. Tarrasa, Espanha: Grand Rapids, Editorial Cliem, 1969.

BRANDÃO, Junito de Souza. **A vida após a morte na Grécia Antiga**, na "Mitologia Grega", Vol. 2. Petrópolis: Vozes, 2004.

BARCLAY, Willian. **Comentário do Novo Testamento** (sd), p. 140.

BUTTS, Freeman. **Cultural History of Western Education**. Nova York: McGraw-Hill, 1955.

CÉZAR, Giuliano. **Corpo e alma em Platão**. Disponível em: <<http://giulianofilosofo.blogspot.com.br/2009/09/corpo-e-alma-em-platao.html>>. Acesso em: 18 de mai. 2019.

DAVIDSON, Jô Ann. **Toward a Theology of Beauty: A Biblical Perspective**. Lanham, MD: University Press of America, 2008.

DRESSLER, Hemingild, ed. **Sant Augustine, vol. 4**. Washington, DC: Consortium, 1947. p. 15-149. Apud OLSON, Roger E. **The Story of Christian Theology: Twenty Centuries of Traditino and Reform**. Downers Grover, Ill.: Intervarsitym 1999.

JÚNIOR, Fernando Hilário de Souza. **A concepção dualista de homem no pensamento platônico**. Disponível em: <<http://famariana.edu.br/blog/2017/10/20/a-concepcao-dualista-de-homem-no-pensamento-platonico/>>. Acesso em: 18 mai. 2019.

LE BRETON, David. **Antropologia do corpo**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2003.

PENÃ, Juan Luis Ruiz de la. **El hombre y su muerte**. Burgos, Espanha: Ediciones Aldecoa, SA, 1971.

ROSA, Wanderley. **O dualismo na teologia cristã**. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.

SHEDD, Russel P. e PIERATT, Allan. **Imortalidade**. São Paulo: Vida Nova, 2000.

STÖRIG, Hans Joachim. **Kleine Weltgeschichte der Philosophie**. Franskfurt em Main: Fischer Taschenbuch Verlag.

UNGER, Merrill. **Principles of Expository Preaching**, s/d.

## **UNIDADE 2 – ANTROPOLOGIA DO CORPO NO CONTEXTO DE DAVID LE BRETON**

### **Objetivos**

- **Compreender contribuições da antropologia, para o imaginário do corpo, na perspectiva de David Le Breton.**
- **Estudar o corpo como realidade anatômica.**
- **Descrever mutações do corpo.**

Vamos iniciar com uma justificativa.

Os trabalhos desse antropólogo e sociólogo francês, Le Breton, influenciaram a produção de estudos acerca de componentes do corpo e da corporeidade, numa perspectiva semítica.

### **Percepção do imaginário do corpo**

LE BRETON (2016) escreveu que “o mundo foi criado pela palavra, pela boca de *Yhwh* os céus foram feitos, e pelo sopro de sua boca, todo o seu exército [...] pois ele disse e tudo foi feito; ele ordenou e tudo existiu”. A matéria é uma emanção da palavra, ela não é estática, morta, fragmentada, é solidária com as outras formas de vida. Ela não é indigna como no dualismo. Se se retira a alma não sobra nada, não sobra um corpo. Nada resta senão a poeira do mundo.

Nas sociedades ocidentais, pelo corpo o ser humano está em comunicação com os diferentes campos simbólicos que dão sentido à existência coletiva. Traços ativos dessas representações podem ser encontrados em diversas tradições.

### **Contribuições da Antropologia para o imaginário do corpo**

A cada época novas teorias procuram explicar o mistério acerca do corpo humano. Todos possuem um mesmo ritmo de sincronização fisiológica e orgânica que tende a facilitar a busca de solução para qualquer cura, até entre seres irracionais.

O ser humano, em seu corpo, frequenta escolas, forma família, torna-se profissional de sucesso e chega a velhice. Há aqueles que não sobrevivem além do ventre materno ou não vivem muito tempo após o nascimento, seguindo de forma radicalmente oposta.

JUNGEL (1977), comentou que não há vida humana conhecida sem a corporeidade, atividade de vida espiritual e de vida psíquica que, como tais, ainda são algo diferente do que expressões corporais, e sem as quais o homem não seria homem. Ele tem a capacidade de ouvir e de entender, de responder e silenciar; tem a faculdade de desejar e de renunciar ao desejo; estando no vigor da capacidade física.

A tradição religiosa cristã busca oferecer explicação de conceitos relacionados ao corpo/alma, a alma/espírito, aos fenômenos psíquicos e às atividades da vida espiritual.

A ciência também tenta decifrar esse enigma; porém, até que ponto são esses fenômenos atingidos pela morte? Que é a morte, se o homem não é tão somente corpo, mas também não pode viver sem a corporalidade? Que é o homem, se a morte, destruindo o corpo, põe um termo à sua vida psíquica, moral e espiritual?

LE BRETON (2003) descreveu que a noção do corpo é problemática e indecisa, pois tem o efeito da estrutura individualista do campo social. DURKHEIN (1986) propôs que para distinguir um sujeito do outro, é necessário um fator de individualização, e é o corpo que desempenha esse papel. Nesse sentido, cada pessoa tem um corpo e deve, durante certo número de anos, alimentá-lo, vesti-lo e depois tudo estará terminado.

Do ponto de vista de DURKHEIN (1986), “se a existência se reduz a possuir um corpo à maneira de um atributo, então, a própria morte não tem sentido, porque ela não é senão o desaparecimento de um ter”.

Nas sociedades tradicionais, o corpo não é objeto de uma cisão, mas funciona à maneira de um marco de fronteira para delimitar perante os outros a presença do sujeito.

LE BRETON (2003) comenta que os anatomistas definem o corpo, como o faz a antropologia bíblica, considerando que o homem é um corpo, e seu corpo não é outra coisa senão ele mesmo. E ao tirar a alma, não sobra nada, pois ele é uma alma vivente (ver Gn 2:7). O ensino hebraico original designa para o homem vivo, os termos alma ou carne, significando que vive uma única e mesma realidade, o homem vivo no mundo.

### **O corpo numa representação escolástica e medieval**

Quando Roma, em 476 d.C., caiu sob o poder dos bárbaros e Constantinopla se tornou a capital do que restou do Império Romano, o imperador Justiniano, ao

expandir e consolidar o Império Bizantino, fez com que Constantinopla passasse a ser o maior centro cultural da época.

Diante dessa transição, conforme ROCHA e CAMARGO (2018), a ciência foi colocada sob a autoridade da Igreja e entre os primeiros médicos cristãos estavam os irmãos Cosme e Damião, que curavam por meio da fé. Eles foram acusados de usar feitiçarias e meios diabólicos para disfarçar as curas. Mesmo assim, tornaram-se os protetores dos médicos e farmacêuticos, e sobre seus túmulos foram relatadas curas maravilhosas.

A partir de Cosme e Damião, os poderes curativos especiais foram atribuídos a santos, como: São Roque e São Sebastião, que foram invocados como protetores contra a peste; Jó, contra a lepra; Santo Antônio, o Eremita, contra o ergotismo; Santo Antônio de Pádua, contra várias doenças, em particular as fraturas e as doenças do estômago e do intestino; Santa Apolônia era invocada para doenças dos dentes, e Santa Luzia tinha grande reputação de curar doenças dos olhos.

Desde aquela civilização, e mesmo na medieval e renascença, passou a existir uma mistura confusa de tradições populares locais e de referências cristãs, acerca do corpo, a semelhança de um cristianismo folclorizado.

**O Concílio de Tours, em 1163:** Proibiu aos médicos monásticos fazerem correr o sangue. Porém, a profissão médica mudou no século XII, transformando-se em diferentes categorias: aquela dos médicos universitários, clérigos mais hábeis em especulações do que em eficácia terapêutica, e aquela dos cirurgiões, que começa verdadeiramente a se organizar no final do século XIII, e agir no âmbito do interior do corpo, ousando transgredir os tabus existentes.

Os cirurgiões eram frequentemente leigos, desprezados pelos médicos, por causa da ignorância do saber escolástico. Ambrósio Peré, mestre cirurgião, descobriu a ligadura das artérias para evitar as hemorragias, e salvou, assim, inúmeras vidas, mas foi ridicularizado pela casta dos médicos clérigos por não conhecer o latim. Somente ao fim de sua vida, seus métodos começaram a ser aplicados, mas as faculdades de medicina se opuseram à reimpressão de sua obra.

LE BRETON (2003) descreve que o tecido comunitário, que reunia há séculos as diferentes ordens da sociedade sob o escudo da teologia cristã e das tradições populares, malgrado as disparidades sociais, começa a se desdobrar. A estruturação individualista caminha lentamente no universo das práticas e das mentalidades do

Renascimento. Nesse horizonte de divisão, o corpo se torna fronteira entre um homem e outro, perdendo seu enraizamento na comunidade e afasta-se do cosmo.

O crescente interesse pelo conhecimento do corpo humano é uma peculiaridade da Renascença, sendo o século XVI considerado por muitos o século da anatomia. Não apenas os médicos procuravam desvendar a anatomia humana, mas também artistas, pintores, escultores e comerciantes, alguns por necessidade profissional e outros apenas por modismo.

O indicador fundamental da mudança de mentalidade, que autonomiza o indivíduo e projeta luz sobre o corpo humano, surgiu na Itália do Quattrocento. Refere-se aos eventos culturais e artísticos do século XV na Itália. Engloba tanto o final da Idade Média (arte gótica e Gótico Internacional), e começo do Renascimento. Os artistas voltaram-se mais às formas clássicas da Grécia e Roma. Essencialmente nas universidades de Pádua, Veneza e Florença.

LE BRETON (2003), descreveu que com as primeiras dissecções oficiais, no começo do século VX, seguida da banalização relativa a essa prática na Europa dos séculos XVI a XVII, ocorre a distinção entre o corpo e a pessoa humana, e isso se traduz em uma mutação ontológica decisiva. Anteriormente, o corpo não estava singularizado do sujeito ao qual empresta um rosto. O homem é indissociável de seu corpo, e ele ainda não está submetido a esse paradoxo de ter um corpo.

Durante toda a Idade Média, as dissecções eram proibidas e impensáveis, pois a introdução violenta de utensílio nos corpos seria uma violação do ser humano, fruto da criação divina. Porém, no universo dos valores medievais e renascentista, o homem condensa que o cosmo e o corpo não são isoláveis do homem ou do mundo: ele é o homem e é, na devida proporção, o cosmo.

### **O corpo como realidade anatômica**

Com os anatomistas, e, sobretudo, a partir André Vesálios (1514-1564), uma distinção implícita nasce entre o homem e o corpo. Com os anatomistas, o corpo deixa de se esgotar totalmente na significação da presença humana, e é posto em suspensão, dissociado do homem. Ele é estudado por si mesmo, como realidade anatômica, o que até essa época, o conhecimento do interior invisível do corpo é fornecido apenas por comentários feitos por Claudio Galeno (129-199 d.C), famoso médico grego.

FRIEDMAN (2000), descreveu que Vesálios foi um anatomista Belga que explorou o corpo humano ao máximo, sendo chamado por isso “O pai da anatomia moderna”. Em 1544 tornou-se médico particular do Imperador Carlos V, e em 1559 de Felipe II. Em 1538 publicou, em Veneza, as “Seis Pranchas Anatômicas”, em 1543 terminou “*De Humani Corporis Fabrica, libri septem*”, a sua obra principal é constituída por 7 livros sobre anatomia: 1) Sobre os ossos; 2) Sobre os músculos; 3) Sobre o coração e os vasos sanguíneos; 4) Trata-se do sistema nervoso; 5) Refere-se aos órgãos abdominais; 6) Menciona os órgãos da região do tórax; 7) Descreve o cérebro. Em 1561 é condenado à morte pela Inquisição, por haver dissecado um corpo humano. Felipe II conseguiu comutar a pena para uma peregrinação a Jerusalém, no entanto morreu na viagem de volta, quando o navio naufragou na ilha de Zante, na costa da Grécia.

Os tratados de anatomia anteriores ao século XVI apoiavam-se, sobretudo, na anatomia suína, então considerada pouco distante estruturalmente daquela do homem, pois o corpo humano era intocável. Em dada conjuntura, o papa Bonifácio VIII (1235 -1303) se insurgiu contra as cruzadas, nas quais cozinhava-se a carne dos altos personagens mortos em terra estrangeira, para transportar mais comodamente o esqueleto até sua terra natal, para serem inumados. Ele condenou a redução do cadáver ao estado de carcaça, em nome do dogma da ressurreição.

Bonifácio dizia que o “cadáver não pode ser desmembrado, deteriorado, dividido, sem comprometer as condições de salvação do homem que ele sempre encarna. Colocar o corpo em pedaço era quebrar a integridade humana e arriscar comprometer suas chances na perspectiva da ressurreição.

Sob o escudo de um emaranhado de fatores sociais, econômicos, políticos, demográficos etc., cujos detalhes das circunstâncias ultrapassam este estudo, as tradições culturais e populares se transformavam, e eram combatidas por camadas dirigentes. O empreendimento da teologia se desnudava pouco a pouco, abrindo caminho a uma secularização e racionalidade que se persegue ainda hoje.

### **Dissecação do corpo**

Nos séculos XVI a XVII, as lógicas intelectuais das camadas eruditas não cessam de ampliar seu progresso. Ao encontro das tradições populares e das posições cristãs, a racionalidade segue seu curso e a abertura dos corpos passa a desempenhar um notável papel na civilização que não se pode negligenciar.

Ainda que Vesálios seja o anunciador da dissecação dos corpos, coube a Leonardo Da Vinci (1452-1519) o desbravar as vias da anatomia, porque ele dissecava cadáveres e realizava incontáveis notas e relatórios sobre a anatomia humana. As mentalidades do século XVI tornaram-se hospitaleiras de fatos que teriam enchido de horror os homens das épocas anteriores.

Os anatomistas partem à conquista do segredo da carne, indiferentes às tradições em relação à religião. O homem dá simbolicamente férias ao cosmos, porque a significação do corpo não remete a nada mais, pois ele não é outra coisa senão o corpo.

YOURCENAR (s.d) mencionou que Zenão (1493 -1541), médico, filósofo alquimista, físico, astrólogo e ocultista, lembrava que no quarto impregnado de vinagre onde dissecamos, esse morto não era mais filho ou amigo, mas somente um belo exemplar da máquina humana.

O saber sobre o corpo se torna o apanágio mais ou menos oficial de um grupo de especialistas protegido pelas condições de racionalidade de seus discursos, e o divórcio do corpo no mundo ocidental remete historicamente à cisão entre a cultura erudita e as culturas populares.

Duas visões do corpo se popularizaram: uma que o deprecia e o mantém distante do cosmo; e a outra que o trata mantendo a beleza, a dignidade e identidade, tornando-o como peça de uma máquina.

### **Dualismo corpo-mente em René Descartes**

LE BRETON (2003) descreveu que René Descartes entendia os seres humanos como compostos de dois tipos diferentes de substâncias, de alguma forma ligadas entre si, pois via o corpo como máquina feita de carne e osso. Os humanos, assim como os animais, são máquinas e seu comportamento é puro produto das leis mecânicas.

GODOY (2019) comentou que para Descartes, os seres humanos são os únicos que, além de corpos, também possuem mentes; a mente (que é idêntica à alma) é o seu eu real. No que tange ao ser humano, se perdia um braço ou uma perna, seu mecanismo corporal estaria comprometido, mas ainda é uma pessoa tão completa quanto antes. Porém, se perdesse a mente, não seria mais a pessoa, deixaria de existir. Essa concepção pode ser chamada de dualismo mente-corpo ou dualismo psicofísico.

A reflexão sobre a natureza conduzida pelos filósofos ou eruditos emancipa-se da autoridade da igreja e das causas transcendentais e situa-se em outro nível, reduzindo o espaço da Revelação a um ponto ínfimo, imerso em um universo sem fim. Essa reflexão relativiza o lugar de Deus criador e liberta certos homens da fidelidade às tradições culturais e religiosas.

### **O corpo como um quebra cabeça**

Assistimos a uma multidão de imagens do corpo em rivalidades umas com as outras, porque cada um tem sua visão pessoal do corpo, agenciando-a à maneira de um quebra-cabeça, sem preocupar-se com as contradições.

No contexto atual, um doente se dirige prioritariamente a um médico especialista no órgão ou na função que o faz sofrer; bem como, devota-se regularmente à ioga, a meditação *zen*, as massagens chinesas, que prodigamente lhe propõem o centro de animação cultural de seu bairro. Ele recorre a inúmeras teorias corporais fundadas em modelos teóricos diferentes, pois parece que vive numa comunidade perdida.

Os múltiplos procedimentos são radicalmente estranhos, e até antagônicos, pois o homem vai do benzedeiro ao adivinho, ou do magnetizador às devoções, aos santos curandeiros, sem preocupar-se com coerências.

No fundamento de todos os rituais o homem tece sua aventura pessoal, envelhece, ama, sente prazer, dor, indiferença e cólera.

### **Mutações do corpo**

Nas condições habituais da vida, o corpo se desliza com fluidez de uma tarefa a outra, adota gestos socialmente aceitáveis, faz-se permeável aos dados do ambiente por meio de um tecido contínuo de sensações. A vida inteira do sujeito está sob o signo dessas manifestações corporais banalizadas, sem as quais ele seria apenas um simulacro higiênico.

LE BRETON ressaltou que há uma corrente sensorial ininterrupta que confere consistência e orientação às atividades do homem, como o odor, o corpo presente/ausente, o corpo escamoteado, o envelhecimento indesejável e o olhar do outro.

**Odores:** Os odores assinalam a intimidade mais secreta do indivíduo, como a fragrância do próprio corpo, do próximo, da casa, das roupas, da rua etc. O olfato age em profundidade sobre o nosso comportamento.

**O corpo presente/ausente:** o corpo se esvanece e está infinitamente presente, ao mesmo tempo que está ausente de sua consciência.

O corpo é o operador de todas as práticas sociais e de todas as trocas entre os atores, mesmo que haja os ritos de evitamento - não tocar o outro, salvo em circunstâncias particulares, não mostrar seu corpo nu ou parcialmente desnudo, salvo em certas circunstâncias precisas, ou de regulação do contato físico - aperto de mão, abraços etc.

O corpo não transparece verdadeiramente à consciência do homem a não ser nos momentos de crise, como a dor, a fadiga, o ferimento, a impossibilidade física, ou ao cumprir certo ato, como a ternura, a sexualidade, o prazer.

**O corpo escamoteado:** O corpo em vigor se dissolve e cada um pode encontrar em seus interlocutores, como em um espelho, suas próprias atitudes corporais e uma imagem que não a surpreenda.

Ele muda e temos que nos identificar fisicamente com ele, mesmo diante da enfermidade, da desordem de seus gestos, de sua velhice, de sua feiura, de sua origem cultural ou religiosa. O cuidado com a aparência corporal - estar magra/o, bela/o, bronzeada/o, em forma, jovem, dinâmico etc. -, pode ajudar para manter, de maneira mais ou menos clara, uma autoestima, pois ele participa também da depreciação do envelhecimento que acompanha a existência do homem.

**O envelhecimento indesejável:** A imagem intolerável do envelhecimento evoca uma morte que caminha no silêncio das células sem que seja possível de impedi-la. A pessoa idosa avança em direção à morte, e encarna os dois inomináveis da modernidade: o envelhecimento e a morte.

Na percepção social, o velho se reduzirá sempre mais ao seu corpo, que o deixará pouco a pouco, ao ponto de BICHAT (1802) escrever: Vede o homem que se estende no fim de uma longa velhice: ele morre pormenorizadamente, e todas as suas funções exteriores acabam umas após as outras, todos os seus sentidos fecham-se sucessivamente e as causas ordinárias das sensações passam sobre eles sem afetá-los.

O envelhecimento é um processo insensível, infinitamente lento que escapa à consciência porque nele nenhum contraste acontece. Com essa lentidão que foge

ao entendimento, a duração se agrega sobre o rosto, penetra os tecidos, enfraquece os músculos, ameniza a energia, mas sem traumatismo, sem ruptura brutal.

**O olhar do outro:** No olhar do outro, nosso corpo nos expõe ao trabalho do tempo e da morte, onde nasce o sentimento abstrato de envelhecer. Nessa mesma ordem, as atividades sociais e individuais reformulam nossa consciência: aniversários, uma separação, ver crescer os filhos e vê-los partir; por sua vez, ver chegarem seus primeiros netos, a aposentadoria, a desaparecimento súbita e frequente dos seus amigos, reencontrar antigas fotos, ver o rosto transformado dos outros após uma longa ausência. Tudo isso mostra que o tempo fez sua obra de modo invisível, à maneira de formiga.

### **Considerações finais**

No contexto da antropologia de David Le Breton, o corpo oferece um significativo vislumbre que nos leva a refletir acerca de sua realidade. Observamos contribuições da antropologia para o imaginário do corpo. Estudamos o corpo como realidade anatômica impregnado de mutações que confunde o próprio sujeito que o possui.

Mesmo que se aplique abundantes procedimentos, desde a ciência até as devoções, para manter o corpo saudável, ele cumpre sua tarefa invisível e segue ao trabalho do tempo e da morte. Observou-se que o corpo não é indigno como no dualismo.

### **HORA DE REVER**

Nesta unidade observou-se que em cada época surgem novos mistérios acerca do corpo humano. Enquanto a ciência tenta decifrar esse enigma, a tradição religiosa oferece explicação de conceitos relacionados ao corpo/alma, a alma/espírito, aos fenômenos psíquicos, às atividades da vida espiritual e outros.

Através de LE BRETON (2003), notou-se que os anatomistas definem o corpo, como o faz a antropologia bíblica, considerando que o homem é um corpo, e seu corpo não é outra coisa senão ele mesmo. E ao tirar a alma, não sobra nada, pois ele é uma

alma vivente (ver Gn 2:7). Foi ressaltado que os múltiplos procedimentos que afrontam o corpo humano, não se preocupam com as coerências.

Observou-se que, de acordo com o hebraico original, o corpo designa o homem integral, significando que os termos alma ou carne vive uma única e mesma realidade. Nesse fundamento de rituais, o homem tece sua aventura pessoal, interage com o cosmo, envelhece, ama, sente prazer, dor, indiferença e cólera, até sua volta ao pó de onde originou (Gn 2:7).

## CONTEÚDO COMPLEMENTAR

<https://www.youtube.com/watch?v=p8jHldxIRfg>

[https://www.youtube.com/watch?v=pWV\\_XAfAAi8](https://www.youtube.com/watch?v=pWV_XAfAAi8)

## REFERÊNCIAS

DURKHEIM, Émile. **Formes élémentaires de l'ave religieuse**. Paris: PUF, 1968,

JUNGEL, Eberhard. **Morte**. São Leopoldo, RS: Editora Sinodal, 1977, p. 22.

LE BRETON, David. **Antropologia do corpo**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2003.

DURKHEIM, Émile. **Formes élémentaires de l'ave religieuse**. Paris: PUF, 1968, citado em: LE BRETON.

ROCHA, Argeu Clóvis de Castro e CAMARÇO, Mylena Naves de Castro Rocha. **Seara de Asclépio: A medicina do Império Bizantino e dos povos árabes e seu papel na preservação da medicina greco-romana**. Editora UFG, 2018.

FRIEDMAN, Meyer & FRIEDMAN, Gerald W. **As dez maiores descobertas da Medicina**, S.Paulo, Companhia das Letras, 2000.

GODOY, William. **O dualismo mente-corpo de Descartes**. 2019.

BICHAT, X. **Investigaciones physiologiques sur l'ave et la mort**. Paris: Bressom, Gabon & Cie, 1802.

## UNIDADE 3 – O MONISMO CORPO-ALMA PRESENTE EM SISTEMAS IDEOLÓGICOS

### Objetivos:

- **Analisar a antropologia numa perspectiva integral ou monista.**
- **Descrever o monismo corpo-alma e suas possibilidades.**
- **Apresentar uma compreensão bíblica do monismo.**

Vamos analisar alguns pressupostos aguçadores.

### Definições

**O monismo idealista** argumenta que a realidade é fundamentalmente mental ou espiritual. Sustenta que o universo existe na mente ou como uma construção da consciência, e não há uma realidade física subjacente independente da percepção.

**O monismo neutro** sugere que a substância fundamental do universo não é nem física, nem mental. Em vez disso, postula uma substância neutra, ou uma substância que não é adequadamente descrita como mente ou matéria. Esta visão tenta preencher a lacuna entre materialismo e idealismo.

**O monismo de substância** destaca que há apenas um tipo de substância que compõe o universo, contrastando com o dualismo e o pluralismo.

DEDEREN (2011) comenta que o monismo semita, em oposição ao dualismo, indica que não existe nenhuma alma separável do corpo ou espírito capaz de uma existência consciente à parte do corpo.

O *Interpreter's Dictionary of Bible* (2006) afirma que, ao comunicar *Yahweh* o folego vitalizante ao homem que Ele moldara a partir da argila, não devemos concluir que o homem seja composto de duas entidades separadas, corpo e alma, ponto de vista típico do orfismo e platonismo.

Os proponentes do monismo alegam que o fato dos termos *nefesh hayyah* (alma vivente) serem utilizados tanto para os homens quanto para animais (Gn 1:30, 24, 30; Gn 2: 19 e 7:21), pressupõe que não há nada imortal ou superior.

Nenhuma entidade pessoal ou consciente sobrevive ao processo de reversão da morte (Sl 6:5; 30:9; 88:10; 115:17; Ec 9:5 e 6). Somente a ressurreição, e não um

estado desencarnado, pode resgatar os mortos da inconsciência em que se encontram (Lc 20:37 e 38).

No pensamento hebraico, não se separam as funções espirituais das corporais. Assim, é impossível estabelecer uma diferenciação entre atividades do corpo e atividades da alma. Tudo o que o homem realiza é com corpo e alma ao mesmo tempo. Os termos antropológicos usados tanto no Antigo como no Novo Testamento nunca significam uma parte do homem, mas sim uma dimensão do próprio homem.

WOLFF, “não devemos deixar de observar que a *nephesh* [alma] nunca recebe um sentido de um indestrutível cerne da existência, em contraste com a vida física, e mesmo capaz de viver quando eliminada dessa vida. Quando ocorre uma menção ao sair (Gn 35:18) da *nephesh* de um homem, ou de seu retorno (Lm 1:11), a ideia básica é a noção concreta da cessação e restauração da respiração”.

No entender monista, o sábio Salomão destacou que há igualdade entre animais e seres humanos mortos (Ec 3:19-21). E Cristo, ao esclarecer, “Não temam os que matam o corpo, mas não podem matar a alma; pelo contrário, temam aquele que pode fazer perecer no inferno tanto a alma como o corpo” (Mt 10:28), quis referir a integralidade corpo-alma, do ser humano.

Também dizem não haver nada na palavra *psychē*, mesmo remotamente, que indique uma entidade consciente capaz de sobreviver à morte do corpo. Nessa compreensão, a esperança não está na morte, tão pouco na sepultura, como propunham Sócrates e Platão, mas na ressurreição.

### **Monismo corpo-alma e suas possibilidades**

No pressuposto monista, ao invés de substâncias, os termos corpo, alma e espírito podem ser melhor entendidos como palavras que descrevem diferentes dimensões do ser humano: a palavra corpo, neste verso (1Ts 5:23), enfatiza a dimensão corpórea do ser humano; a palavra alma enfatiza a dimensão intelectual e emocional do ser humano; a palavra espírito enfatiza a dimensão transcendental do ser humano – ou seja, o ser humano em sua relação com Deus (Mt 22:37 e Dt 6:5).

Paulo não tem uma visão dualista do ser humano: corpo e espírito não são diferentes substâncias que se opõem. O ser humano é corpo e sempre será corpóreo

– como é agora, será também após a ressurreição. O que diferencia o corpo atual do corpo ressurreto (espiritual) é que o corpo atual é corrupto e morre.

BACCHIOCCHI (s/d) numa perspectiva teológica, afirma: Se for usar a palavra imortalidade com relação à natureza humana, não deve tratar de mortalidade da alma, mas imortalidade do corpo – pessoa total, garantida pela ressurreição. As raízes do monismo se solidificam através de autores que precederam nossa era.

#### **Período: 200 a.C a 100 d.C.:**

O livro apócrifo de *Tobias* 14:6-8 (cerca de 200 a.C.) descreve o tempo do fim, dizendo que “todos os filhos de Israel que são livrados naqueles dias, lembrando-se de Deus em verdade, serão reunidos e virão a Jerusalém e habitarão na terra de Abraão com segurança [...] e os que praticam o pecado e a injustiça cessarão de toda a terra”.

**Oráculos Sibilinos 4:76** (cerca do segundo século a.C.): “E Ele queimará a Terra inteira, e consumirá toda a raça dos homens [...] e haverá pó e cinzas”. Nesse conceito, o *evangelho de João*, combatendo o gnosticismo.

**Evangelho de são João:** “Não vos maravilheis disto, porque vem a hora em que todos os que se acham nos túmulos ouvirão a sua voz e sairão: os que tiverem feito o bem, para a ressurreição da vida; e os que tiverem praticado o mal, para a ressurreição do juízo” (5:28 e 29).

A literatura secular do historiador Judeu, Flávio Josefo (37-100 d.C.) descreveu que a crença na imortalidade incondicional da alma deriva de fábulas gregas e está construída “sobre a suposição de que as almas são imortais e que os homens maus ... sofrem punição imortal após a morte”. BACCHIOCCHI comenta que Josefo chama tal crença de uma inevitável isca para quem uma vez teve gosto por sua filosofia grega.

#### **Período: 69-200 d.C.**

**Policarpo** (69-160 d.C.), bispo da igreja de Esmirna e discípulo chave do apóstolo João, cria que “a alma é mortal, e que a imortalidade é adquirida por Cristo através da ressurreição literal, quando Ele regressar a Terra”. Policarpo foi mais enfático ao afirmar: “Quem quer que diga que não existe ressurreição é o primogênito de Satanás”.

Ele advogava a tese de que a ressurreição não é meramente do corpo, mas do corpo e da alma, conforme Mateus 10:28: “E não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma; temeis antes aquele que pode fazer perecer no inferno a alma e o corpo”.

**Inácio de Antioquia** (68 – 107 d.C.) acreditava que “seria encontrado como discípulo de Policarpo depois que a ressurreição tivesse sido consumada e não imediatamente após a morte em algum estado intermediário”. Ele dizia que somente na ressurreição dos mortos os cristãos entram em sua herança celestial e se reencontram com os demais cristãos.

**Justino Mártir** (100 – 165 d.C.) foi mais além ao declarar que aqueles que criam que a alma vai para o Céu após a morte, antes da ressurreição, nem sequer poderiam ser considerados cristãos, mas estariam no grupo daqueles que eram considerados ímpios e hereges, que ensinavam doutrinas que são, em todos os sentidos, blasfemas, ateístas e tolas.

Para Justino, quando Deus retira do homem o sopro de vida que Ele soprou originalmente nas narinas de Adão, o ser humano não existe mais, a alma deixa de existir e não há mais alma; o homem como um ser integral volta para o lugar de onde ele foi formado: o pó da terra. Para ele, a ressurreição é a única esperança para trazer o homem de volta à existência. Ele também alegava que, “quando Deus chamar o homem para a vida e ressurreição, Ele chamará não uma parte, mas o todo, que é a alma e o corpo”.

**Teófilo, bispo de Antioquia** (169 a 188 d.C.), acrescentou: Com efeito, Deus ressuscitará a tua carne, imortal, juntamente com tua alma. Então, tornado imortal, verás o imortal, contanto que agora tenhas fé nele. Teófilo pontuou três pontos principais: a) A natureza humana atual é mortal. b) a alma ressuscita juntamente com o corpo, o que era uma crença comum na época, e, c) somente na ressurreição, quando o homem se torna imortal, que ele verá o imortal, Deus.

### **Período: Idade Media**

**AQUINO, Tomás de** (1225-1274), no raiar da Idade Média, esboçou algumas tentativas de superar o dualismo neoplatônico-agostiniano. Ele dizia que corpo-alma não são substâncias distintas e conflitantes. Ao contrário, constituem um todo único, e a separação entre alma e corpo é uma impossibilidade filosófica e prática.

Para Aquino, o corpo não é uma prisão, como queria Platão, ou simples instrumento da alma, como queria Agostinho, mas, a união de corpo e alma é, antes, a salvação da alma. O corpo não é castigo ou consequência da queda, mas fonte de bem.

**WYCLIFF, John** (1324-1384 d.C.) advogou a pura doutrina em vários aspectos, incluindo o sono da alma, como recebendo a imortalidade somente na ressurreição.

**LUTERO, Martinho** (1483-1546) é contra a teoria de uma alma imortal, fez oposição à venda de indulgência, onde assegurava perdão dos pecados e a salvação da alma do purgatório. ROSA (2014) comentou que, O catolicismo no qual Martinho Lutero foi criado era uma religião baseada na ideia de recompensas meritórias que poderiam ser alcançadas pelos fiéis mediante o uso de sacramentos, das penitências ou das indulgências. Era uma religião de sofrimentos, de privações extremas, de moral ascéticas. O fiel temia o purgatório e ainda mais a punição eterna. Não havia certeza de que os sacrifícios seriam suficientes para garantir a salvação da alma, como se cria.

Lutero construiu sua teologia, rejeitando o dogma papal acerca desta temática. Assim como alguém que dorme e chega a manhã inesperadamente, quando acorda, sem saber o que aconteceu: assim nós nos ergueremos no último dia sem saber como chegamos a morte e como passamos por ela. Nós dormiremos até que Ele venha e bata na pequena sepultura e diga: Dr. Martinho, levanta-te! Então eu me erguerei num momento e serei feliz com Ele para sempre.

Para Lutero, o contraste entre o conceito dualístico e a integralidade, não é entre o corpo e a alma, mas entre o corpo carnal corruptível e o corpo incorruptível ressuscitado.

**TYNDALE, William** (1484-1536) descreveu que aqueles que instalam almas desencarnadas no Céu, no inferno ou no purgatório, destroem os argumentos pelos quais Cristo e Paulo confirmam a ressurreição”. Tyndale, respondendo ao defensor Papal Thomas More, realçou: Se há almas no céu, por que elas não estão em uma boa posição como os anjos? Se a alma está no céu, digei-me que motivo há para a ressurreição? [...] A fé verdadeira estabelece a ressurreição, a qual somos advertidos a buscar a todo momento. Os filósofos pagãos, negando isto, declaram que as almas, sim, vivem. E o Papa une a doutrina espiritual de Cristo e a doutrina carnal dos filósofos, coisas tão contrárias que não tem como estarem de acordo.

Tyndale ainda pontou: Eu me maravilho de que Paulo não tenha reconfortado os tessalonicenses com esta doutrina (da imortalidade da alma) se soubesse que as

almas de seus mortos estavam em gozo, assim como ele sabia da ressurreição, que seus mortos viveriam novamente. Se as almas estão no céu, em estado de glória como os anjos, conforme sua doutrina, diga-me então para que a ressurreição?

### **Período: A partir da Renascença**

A França se tornou o berço para desfazer a teoria sobre a existência do inferno, mesmo que esse destino assustador estivesse impregnado em romances, em poemas, em esculturas e vitrais, e em catedrais e igrejas. Entre protestantes, a compreensão da integralidade corpo e alma foi se tornando como luz de maior brilho. Muitos deixaram os pressupostos gregos, relacionados à alma imortal, ao castigo eterno e à existência do inferno.

Milhares de professos cristãos foram expulsos de seu país (França) e cruzaram o Atlântico em direção a América. No novo mundo passaram a estudar profecias apocalípticas, especialmente aquelas voltadas para a escatologia e temas relacionados a integralidade corpo-alma.

BLAINEY (2012) descreveu que os críticos e racionalistas, conhecidos na França como filósofos, descartavam a ideia de vida após a morte, ressaltando que, ainda que houvesse outra, a vida na Terra seria mais importante e enriquecedora

CULLMANN (1902 –1999) descreveu que a imortalidade da alma, 1) foi introduzida pela serpente no Éden, antes do pecado e provém de uma filosofia pagã. Por isso, não se encontra na crença judaica, mas compromete-se com o platonismo; 2) está em desacordo com o registro escriturístico da criação do homem; 3) choca com a declaração bíblica da queda do homem; 4) opõe-se igualmente a fatos biológicos; 5) é uma benção que tem de ser buscada, e não é um direito inato; 6) contraria o ensino bíblico sobre a condenação dos ímpios; 7) anula a necessidade da ressurreição; 8) reduz a cena do julgamento a uma farsa solene; e, 9) subverte a doutrina bíblica da segunda vinda de Cristo.

Confome KNIGHT (2006), “uma ninoria de estudantes da Bíblia no decurso da história tem visto esta questão com a visão hebraica, em vez da visão grega, e negam o ensino da imortalidade inata”. Este autor comenta que o adventismo sabatista recebeu essa concepção antropológicade duas fontes. Uma foi o ensino de George Storrs, Ministro metodista. A segunda fonte veio através da igreja Conexão Cristã. KNIGHT (2006) acrescenta que uma coofundadora do adventismo, Ellen G. White, assim se expressou: “Se por ocasião da morte a alma entrava na felicidade

ou perdição eterna, onde estava a necessidade de ressurreição para os míseros corpos reduzidos a pó?

### **Considerações finais**

Há inúmeros conceitos e inquietudes antagônicos que invadem o ambiente antropológico, que necessitam ser compreendidos, dentro do contexto escriturístico, pois, a partir disso, se constrói uma melhor visão de mundo e da essência do corpo humano. Nesta unidade foi destacada a visão da antropologia, numa perspectiva integral, onde o ser humano é constituído de pó mais folego. Ele é corpo e sempre será corpóreo.

### **HORA DE REVER**

Nesta unidade foi ressaltado que o monismo semita, em oposição ao dualismo, indica que não existe nenhuma alma separável do corpo ou espírito capaz de uma existência consciente. O corpo não sobrevive, de modo consciente, ao processo da morte. O corpo desencarnado ou putreficado não pode resgatar os mortos da inconsciência em que se encontram. Somente a ressurreição!

O tema descreveu que raízes monistas semíticas da antropologia, se solidificou através de autores que antecederam a era presente. Ressaltou que a minoria de leitores bíblicos, no decurso da história, vêem este pressuposto com a lente hebraica.

### **CONTEÚDO COMPLEMENTAR:**

DA MATTA, Roberto. **Relativizando: Uma Introdução à Antropologia**. Social. Petrópolis: Vozes, 1983.

### **REFERÊNCIAS**

BACCHIOCCHI, Samuele. **Imortalidade ou Ressurreição?** Cabo Frio, RJ: Editora WorldPress, s/d.

CULLMANN, Oscar. **Imortalidade da Alma ou Ressurreição dos Mortos? O Testemunho do Novo Testamento**. Artur Nogueira, SP: Centro de Estudos Evangélicos, 2002.

DEDEREN, Raoul. **Tratado de Teologia**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011.  
**The New Interpreter's dictionary of the Bible**. Nashville, TN: Abingdon Press, 2006.

IRINEU. **Against Heresias**, vol. 2, book 5. Chapter 31.

LOGAN, A. H. B. e WEDDERBURN, J. M. **The New Testament and Gnosis**.  
Edinburg, Scotland: T. & T. Clark, 1983.

JOSEFO, Flávio, **War of the Jews 2**.

MUGG, Joshua e TURNER, James T. **Whay a Bodily resurrection?** The Bodily resurrection and the Mind/Body /relation". *Journal of Nalytic Theology*, Vol. 5, May 2017.

KNIGHT, George R. **Em busca de Identidade**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2006; p. 72 e 73.

FEINER, Johannes; LOHRER, Magnus. **Mysterium Salutis: Compendio de dogmática histórico-salvífica**. Vol. 2. Petrópolis: Vozes, 1972.

**Carta de Inácio a Policarpo**, 7:1.

**Diálogo com Trifão**, Cap.80.

Justino, **Tratado sobre a Ressurreição**, Cap.8.

**Teófilo a Autólico**, Livro I, Cap.7.

ROSA, Wanderley. **O dualismo na teologia cristã**. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.

TYNDALE, William. **An Answer to Sir Thomas More's Dialogue** [Parker, 1850, reimpressão], livro 4, capítulo 4.

BLAINEY, Geoffrey. **Uma breve história do cristianismo**. São Paulo: Editora Fundamentos, 2012.

WOLFF, Hans Walter. **Antropologia do Antigo Testamento**. Trad. Antônio Steffen. São Paulo, Hagnos, 2014.

## **UNIDADE 4 – PRESSUPOSTOS MONISTAS BÍBLICOS NA RELAÇÃO CORPO-ALMA**

### **Objetivos**

- 1. Destacar o conceito monista semita da expressão “o espírito volta para Deus”.**
- 2. Analisar o entendimento monista semita dos termos “estar comigo no paraíso”.**
- 3. Destacar conceito monista semita de “atormentados pelos séculos dos séculos”**
- 4. Descobrir um olhar monista semita na Parábola do Rico e Lázaro.**

### **Definição monista semita do conceito “o espírito volta para Deus”**

Os termos *ruach* e *pneuma* (hebraico e grego), para espírito, não referem a uma entidade inteligente, capaz de existência consciente à parte do corpo.

Pode ser considerado igual ao fôlego de vida que Deus assoprou no primeiro ser humano (Adão) a fim de animar-lhe o corpo até então sem vida (Gn 2:7).

O conceito estabelece que o corpo humano e dos animais possuem os mesmos elementos químicos que compõem a Terra; e, quando morrem, o organismo físico se desintegra em seus elementos originais (Ec 3:19 e 20).

O espírito retorna para Deus, exatamente do mesmo modo em que veio; ou seja, não como uma entidade inteligente, consciente, imortal, mas como ar.

Assim, a condição do homem na morte é de absoluta inatividade e inconsciência. O ser humano que morre, dorme profundamente até o momento da ressurreição, e quem cumpriu seu papel na Terra, como prescrito nas Escrituras, receberá a graça da vida eterna, do contrário desaparecerá para sempre (2Pe 2:6; Mt 4:1 e 2Pe 3:12).

### **Definição monista semita do conceito “estar comigo no paraíso”**

O que Jesus quis dizer literalmente, com a expressão estar comigo no paraíso? Segundo o referido entendimento, a única maneira de saber o que Cristo estava referindo é evocar outras indagações: 1) Jesus foi para o paraíso no dia da Sua crucifixão? 2) O ladrão foi para o paraíso naquele mesmo dia? O que Jesus ensinou sobre quando os seres humanos receberão a recompensa no paraíso?

Na véspera da traição, menos de 24 horas antes de fazer esta promessa ao ladrão, Jesus disse aos doze: “Na casa de meu Pai há muitas moradas [...] vou preparar-vos lugar [...] voltarei e vos receberei para mim mesmo, para que onde Eu estou, estejais vós também” (Jo 14:1-3).

No original grego, a frase foi escrita sem pontuação, e o advérbio *sēmeron* (hoje) fica entre estas duas orações: “Em verdade te digo que - “hoje”- “estarás comigo no paraíso”. Então, como determinar se o advérbio ‘hoje’ modifica ‘te digo’ ou ‘estarás’. Gramaticalmente as duas opções são possíveis.

NICHOL (2013) comenta que “quando Jesus garantiu ao ladrão um lugar com Ele no paraíso, estava Se referindo às muitas moradas da casa de Seu Pai e ao momento em que receberia os Seus ali”. Assim, o ladrão estará com Cristo no paraíso depois da ressurreição dos justos, quando Ele voltar.

NICHOL (2013), compreende que a expressão “em verdade te digo hoje, estarás comigo no paraíso”, responde a grande dúvida do ladrão: “lembra-te de mim quando entrares no Teu reino”, não de quando ele chegaria ao paraíso.

Essa compreensão recebe luz da revelação do apóstolo Paulo: Os que dormem em Jesus sairão da sepultura por ocasião da segunda vinda de Cristo (1Co 15:20-23), a fim de receber a imortalidade (1Co 15:51-55).

### **Definição monista semita do conceito “atormentados pelos séculos dos séculos”**

Poucos ensinamentos inquietam mais a consciência humana, do que a tradicional visão do inferno, como um lugar onde os perdidos sofrerão, conscientemente, a punição de fogo em corpo e alma por toda a eternidade.

BACCHIOCCHI (s/d), evoca o parecer de William Crockett para ressaltar descrições de um inferno tradicional e platônico, onde mostra blasfemos dependurados por suas línguas. Mulheres adúlteras que fizeram tranças nos cabelos para seduzir homens pendentes sobre tachos ardentes, presas pelos cabelos e pescoços. Difamadores mastigavam a língua e ferros quentes lhes queimam os olhos. Assassinos são lançados em poços cheios de répteis venenosos e vermes lhes cobrem o corpo [...]. Os que deram as costas a Deus são revolvidos e assados vagarosamente nos fogos do inferno.

BACCHIOCCHI (s/d), também cita Carlos Spurgeon para descrever que em fogo, exatamente como o que temos na Terra, teu corpo jazerá, semelhante aos

asbestos, para sempre ficando sem ser consumido, todas as tuas veias como caminhos sobre o qual transitará a dor, todo nervo uma corda em que o Diabo para sempre tomará sua diabólica melodia do indizível lamento do inferno.

Diferente desse conceito aterrorizante, BACCHIOCCHI (s/d) comentou que “a tortura eterna é intolerável de um ponto de vista moral porque retrata a Deus agindo como monstro sedento de sangue, os quais nem permite que morram.

MOORE (2019) cita o artigo ‘O Hitler infinito’, de George Knighth: É isso que Deus seria, caso permitisse que os pecadores sofressem no inferno pelas intermináveis eras da eternidade. Hitler ao menos permitiu que suas vítimas encontrassem, em algum momento, paz na morte.

No entanto, o deus do tormento eterno nunca dá trégua. Ele sequer deixa que suas vítimas morram! Se condenamos Hitler como um tirano cruel, devemos, então, adotar o mesmo julgamento para um deus que se propõe a manter suas vítimas vivas por toda a eternidade simplesmente para conservá-las queimando.

WILHELM (1985) cita a Bertrand Russel (1872-1970), que criticou a Cristo por, supostamente, ensinar a doutrina do inferno de fogo e pela indizível crueldade que tal doutrina tem causado na história cristã, nos seguintes termos: “Há um sério defeito, a meu ver, no caráter moral de Cristo, e trata-se que Ele cria no inferno [...]. Devo dizer que creio ser toda essa doutrina, de que o fogo do inferno é uma punição para o pecado, não mais que uma doutrina de crueldade.

HICK (1976) também ressalta que a “ideia de corpos queimados para sempre e continuamente sofrendo a intensa dor [...] é tão cientificamente fantástica quanto moralmente revoltante”.

Para a antropologia monista torna difícil imaginar que o Deus a quem Jesus Cristo revelou como um misericordioso “*Aba – Pai*”, se empenharia em vingança sobre Seus desobedientes filhos por torturá-los por toda a eternidade!

A questão fundamental é se os pecadores impenitentes sofrem punição consciente no corpo por toda a eternidade, ou se são aniquilados por Deus, na segunda morte, após sofrerem uma punição temporária.

Os antigos papiros gregos contem numerosos exemplos de imperadores romanos que assumiam um cargo vitalício. Eles utilizavam o termo *aiōnios* para descrever um período de 23 anos de reinado de Tibério César.

De igual modo, o termo *aiōnios* descreve tanto o destino dos ímpios quanto o estado futuro dos justos. A recompensa do justo é a vida que não tem fim, e a recompensa dos ímpios é a morte, para a qual há um fim.

Paulo diz que os ímpios sofrerão “a penalidade de eterna destruição” (2Ts 1:9). Esta expressão *aiōnios* significa um processo que vai durar para sempre, ou um ato cujos resultados são permanentes? Em 2 Pedro 2:6, o texto descreve: “E reduzindo a cinzas as cidades de Sodoma e Gomorra, ordenou-as à ruína completa, tendo-as posto como exemplo a quantos venham a viver impiamente” (2Pe 2:6).

Apocalipse 20:12, indica que a extinção do pecado e pecadores não exclui a possibilidade de graus de castigo, pois cada pessoa será medida conforme a resposta à prática do conhecimento recebido.

Outras referências bíblicas apontam a penalidade final dos ímpios, por haverem rejeitado o Filho de Deus, nos seguintes termos:

- a) Os ímpios morrerão (Ez 18:4, 31 e 32; Rm 6:23 e Tg 1:15);
- b) Os ímpios perecerão (Sl 37:20; 68:2 e Jo 3:16);
- c) Os ímpios serão queimados (Mt 13:30, 40; 2Pe 3:10; Ap 20:15 e 21:8);
- d) Os ímpios serão exterminados (Sl 145:20; Sl 37:9, 34; Ez 28: 16; Mc 1:24; 2Ts 1:9 e He 2:14).

Em figuras e símiles, o texto sagrado compara os ímpios a material combustível, como gordura de cordeiros (Sl 37:20), como a palha que o vento dissipa (Sl 1:4).

Sodoma e Gomorra é símbolo da destruição dos ímpios, por ser completa e destruir a todos (Lc 17:29). O fogo não pode significar fogo a arder eternamente, pois aquelas cidades não mais estão em chamas hoje. Mas será de resultados eternos.

Na teoria monista, Jesus não afirmava a existência de um inferno literal, pois nas sete referências ao *gehenna* (Mt 5:22, 29 e 30, 18:8 e 9, 23:15 e 33; Mc 9:44 e 46), nenhuma indica o inferno como um lugar de tormento infundável.

O eterno e inextinguível não é a punição, mas o fogo. E conforme o testemunho da literatura hebraica (Is 66:22-24 e Dn 12:1, 2), os corpos dos mortos são consumidos, e não haverá almas imortais eternamente atormentadas.

COOPER (1989), descreve que não haverá interrupção ou intervalo no sofrimento dos seguidores da besta, enquanto este continue e não que continuará para sempre.

Nessa expressão “nem de dia, nem de noite”, o profeta descreve que “nem de noite nem de dia se apagará; subirá para sempre a sua fumaça; de geração em geração será assolada e, para sempre, ninguém passará por ela” (Is 34:10). Essa imagem transmite a ideia de que o fogo de Edom continuaria até que houvesse consumido tudo quanto havia, então se extinguiria. Acaso Edom segue queimando até hoje?

Para o pressuposto monista, os ímpios ressuscitarão na segunda morte (Jo 5:28 e 29; Ap 20:5 e 6), e dela não haverá ressurreição (ver He 9:12) e juízo eterno (ver He 6:2).

A obra da redenção é completa em seus resultados. E o mesmo princípio se aplica ao eterno juízo (Mc 3:29), ao fogo eterno (Jd 7) e ao castigo eterno (Mt 25:46).

Portanto, a visão dualista grega do inferno, como um tormento eterno, possui absoluta diferença do ensinamento monista, sobre a existência de Deus, do homem, da morte, da ressurreição, de amor e da justiça divina.

### **Definição monista semita da “Parábola do Rico e Lázaro”**

A parábola mostra que, após a morte do rico e do Lázaro, há uma inversão irônica de papéis, a qual deve ter causado surpresa na audiência de Jesus.

Seria esta parábola um ensino de Jesus sobre a condição da vida após a morte? Se, sim, então há possibilidade de diálogo entre justos no céu e ímpios no inferno? Se, não, qual o propósito de Jesus ao utilizá-la? Estaria ela colaborando com uma cosmovisão dualista da natureza humana?

Como poderia um homem que goza do favor de Deus na terra ser amaldiçoado na vida por vir? Esta parábola teria o objetivo de ensinar que o destino futuro é determinado pelo uso que as pessoas fazem das oportunidades da vida presente.

NICHOL (2013) comenta que Jesus não estava debatendo o estado do ser humano após a morte ou o momento em que se recebe o galardão. No sentido lato, uma parábola é uma forma de alegoria que se emprega para ilustrar e persuadir mediante uma figura.

COENEN e BROWN (2000) comentam que nos escritos antigos, o emprego de fala figurada era muito divulgado, para dar expressão concreta, pitoresca e desafiadora a ideias religiosas para as quais não existiam conceitos abstratos

correspondentes. A exemplo, Mateus 11:23, diz que Cafarnaum seria derrubada até o *Hades*.

Cristo estava usando um modo figurado para indicar a sua completa destruição. De igual modo, em Lucas 16:23, a igreja é apresentada como inexpugnável contra as portas do Hades, que aqui parece dar a entender uma oposição humana, contudo utiliza-se o estilo metafórico.

Semelhante uso simbólico ou figurado se encontra na parábola de Jotão (Ju 9:7-15). O texto descreve que as árvores falam e andam; algo irreal que jamais pode ser trazido para uma literalidade.

Segundo SMITH (1869), é impossível embasar a prova de uma importante doutrina teológica em uma passagem que abunda em metáfora judaica [...]. Se quisermos transformar retórica em lógica, e construir um dogma em cada metáfora, nossa crença será de caráter vago e contraditório. Além dos tópicos descritos até aqui, convém observar a identidade dos ressuscitados.

### **Definição monista sobre a Identidade dos ressuscitados (1Co 15:51-54)**

O monismo enfatiza que Deus irá ressuscitar exatamente as mesmas pessoas que viveram e morreram nesta Terra, e isso garante a continuidade da identidade de cada indivíduo que vive no mundo.

HARTSHORNE (s/d) comenta que por ocasião da morte, os seres humanos prosseguem vivendo na completa memória de Deus. A morte não pode ser a destruição, mesmo o desbotar, do registro do livro da vida de alguém; pode somente significar a fixação de sua página derradeira.

HASKER (2006), pontua que para o dualismo emergente, a vida eterna é inteiramente possível, mas virá por meio de um extraordinário e miraculoso ato de Deus, não como um atributo natural de uma alma imortal.

Neste pressuposto, quando o corpo é lançado na sepultura, ocorre o mesmo com a alma (Gn 15:15; 25:8; Jz 8:32; 1Cr 29:28), pois a alma não possui a imortalidade; o fôlego não retorna para Deus em forma de alma vivas; tampouco, uma entidade imaterial deixa o corpo por ocasião da morte, ou continua a existir em estado de consciência.

## **Considerações finais**

Esta unidade procurou mostrar uma compreensão monista de textos que revelam o que ocorrerá com o ser humano, no momento da morte. Diferente do pensamento platônico, que aponta o corpo como componente material, temporário e essencialmente mau, e a alma como sendo eterna e boa, a compreensão monista semítica destaca que os termos corpo, alma e espírito não são faculdades distintas, separáveis do ser humano, mas diferentes modos de ver o homem integral.

O modelo monista, diferente do dualismo, propõe que cada ser humano deve viver, com reponsabilidade e compromisso, os valores físicos, morais e espirituais, porque cada um dará conta de seu corpo no dia do juízo final (Ec 12:13 e14; He 9:27).

Essa é uma compreensão integral de ver o corpo humano.

## **Hora de rever**

O estudo deste capítulo, por ser tratar da corporeidade, numa visão monista da antropologia, busca explicar questões relacionadas ao corpo, como sendo integral, bom e precioso no olhar do criador.

Discussões sobre tendências antropológicas monistas buscam fundamentar a Verdade e distinguir coerência em texto da Palavra de Deus

Mesmo que a perspectiva antropológica dualista seja radicalmente diferente dos pressupostos monistas, o estudo antagônico das duas compreensões instiga o aluno a fazer uma análise mais profunda na antropologia bíblica e encontrar o verdadeiro sentido da própria existência.

## **Vídeos complementares:**

<https://www.youtube.com/watch?v=AN1RFm8Qs0Q>.

<https://www.youtube.com/watch?v=JLcqp22Zdol>

## **REFERÊNCIAS**

ADAMS, Marilyn McCord. **The Expository Times** 117, nº 6, 2006.

BACCHIOCCHI, Samuele. **Imortalidade ou Ressurreição?** (s/d).

CHAMPLIN, Norman Russell. **O Novo Testamento interpretado versículo por versículo**, vol. 2. São Paulo: Mileniun, 1983.

COENEN, Lothar e BROWN, Colin. **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento** (São Paulo: Vida Nova, 2000), vol. 2.

COOPER, John W. **Body, Soul, and Life Everlasting: Biblical Anthropology and the Monism-Dualism Debate**. Grand Rapids, 1989.

HICK, John. **Death and Eternal Life**. Nova York, 1976.

HARTSHORNE, Charles. **The Logic of Perfection**. Lasalle, Illinois, 2.

HASKER, William. **For Faith and Clarity: Philosophical Contributions to Christian Theology**. Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2006.

NICHOL, Francis D. et al. **Comentario bíblico adventista del séptimo día**. Buenos aires: Asociación Casa Editora Sudamericana, 2013. v. 5.

MOORE, Marvin. **Na corte celestial, em defesa do juízo investigativo**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2019.

Cit. em: PINNOCK, Clark H. "The Destruction of the Finally impenitent". **Criswell Theological Review** 4, nota 3 (1990).

SMITH, Boson W. In: **Dr's William Smith's Dictionary of the Bible: Compreing its antiquities, biographies and natural history**. New York: Reversive Press, 1869.

WILHELM, Anthony J. **Christ among Us. A modern Presentation of the Catholic Faith**. New York, 1985.

RAMM, Bernard. **Protestant Biblical Interpretation**. Disponível em: <<https://www.amazon.com/Protestant-Biblical-Interpretation-Textbook-Hermeneutics/dp/0801020832>>.